



www.observatoriodacritica.com.br

Os GTs da ANPOLL e a lógica da visibilidade: Questionamentos e alternativas

Rachel Esteves Lima (UFBA/CNPq)*

*O sentido comum é a melhor
coisa do mundo para dividir o
corpo.¹*

Em primeiro lugar, eu gostaria de parabenizar a organização do *XXIII Encontro Nacional da ANPOLL*, dentre muitos motivos, pela escolha do tema deste evento (Produção do conhecimento em Letras e Linguística: Identidade, impacto e visibilidade). Principalmente porque nele percebo uma evidência de que se buscou fugir aos binarismos normalmente implícitos nos nossos objetos de estudo. Se o par identidade e visibilidade tem, certamente, caminhado junto nos discursos da

* Professora de Literatura Brasileira da UFBA e Coordenadora do GT de Literatura Comparada nos biênios 2004-2006 e 2006-2008. Este trabalho foi apresentado na mesa-redonda dos representantes dos Grupos de Trabalho da ANPOLL, realizada como parte da programação do XXIII Encontro Nacional da Associação, que ocorreu em Goiânia, no período de 02 a 04 de julho de 2008.

¹ SERRES, Michel. *Os cinco sentidos*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001, p. 13.

intelectualidade brasileira, principalmente a partir dos anos 1980, a noção de impacto introduz uma fissura que nos impõe uma reflexão metateórica acerca dos efeitos que essa associação pode surtir na nossa vida intelectual. E é justamente nesse ponto que pretendo focar minha comunicação, ou seja, no questionamento da adesão irrestrita às políticas da identidade, a partir da lógica da visibilidade tão ao gosto das práticas acadêmicas atualmente em vigor.

A noção de visibilidade tem se mostrado bastante presente nos discursos teóricos de vários pensadores que abordam as novas formas de produção de subjetividades na contemporaneidade. De *A sociedade transparente*, de Gianni Vattimo,² passando pelos livros *A Estética da desapareição*, de Paul Virilio,³ e *A arte da desapareição*, de Jean Baudrillard,⁴ dentre outros títulos menos explícitos de autores diversos, a interferência das novas tecnologias de informação e comunicação no modo de construção e exposição da identidade tem sido uma constante. Tais análises, não obstante suas divergências, principalmente no que se refere à potência das novas tecnologias de informação e comunicação para gestar a emancipação dos sujeitos subalternizados, evidenciam o quão distante nos encontramos dos propósitos iluministas da razão moderna. Afinal, na sociedade da hiperinformação e da lógica do simulacro, os ideais de esclarecimento e de racionalização do mundo vêm-se deslocados pela pluralidade das interpretações dos vários agentes sociais, interpretações que encontram hoje, no espaço virtual, um novo *lócus* de exposição e validação.

² VATTIMO, Giani. *A sociedade transparente*. Tradução portuguesa de Hossein Shooja e Isabel Santos. Lisboa: Relógio D'Água, 1991.

³ VIRILIO, Paul. *Esthétique de la disparition*. Paris: Galilée, 1989.

⁴ BAUDRILLARD, Jean. *A Arte da desapareição*. Tradução de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1997

A expansão do acesso à rede mundial de computadores, aliada ao crescimento das atividades que constituem o trabalho imaterial (como a indústria cultural, as redes de ensino em todos os níveis e as demais atividades do setor terciário, hoje o principal empregador de mão-de-obra) tem como resultado uma intensa transformação no mercado de bens simbólicos, um mercado onde se torna cada vez mais difícil estabelecer diferenciações entre as esferas de produção e de consumo. O surgimento de uma "intelectualidade de massa", para usar o conceito marxista recuperado por Antonio Negri e Michael Hardt, nos livros *Império* e *Multidão*⁵, acaba gerando mudanças no modo de produção de conhecimentos e o compreensível desejo de promoção da desierarquização dos lugares de fala. Tais alterações vão ter impacto decisivo no modo como vimos construindo nossas instituições, tais como a universidade, as associações de classe, os grupos de trabalho, e todos os demais espaços de criação de valores. No terreno da crítica literária, por exemplo, a emergência dos discursos das minorias vai promover abalos na forma de construção do cânone literário e a lógica do saber desinteressado passa a ceder espaço ao perspectivismo e ao relativismo que ora dominam a cena cultural. Evidentemente, tal situação não poderia ser bem aceita por uma larga parcela da intelectualidade, que, ressentindo-se da perda da faculdade do juízo, que lhe garantia um público e, por consequência, um espaço de poder, passa a atacar o suposto nivelamento qualitativo justificado pelo uso das teorias desconstrucionistas, "culturalistas" e pós-modernas. A inflação de imagens, discursos e representações de variada natureza no mundo globalizado mostra-se, então, condizente com

⁵ Cf. HARDT, Michael, NEGRI, Antonio. *Império*. Tradução de Berilo Vargas. Rio de Janeiro: Record, 2001; e *Multidão*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005.

a lógica do “Apareça ou pereça” e a disputa por visibilidade, longe de se propor como a busca de um mundo mais plural, de espaços de convivência multicultural, passa a ser, para vastos setores, o instrumento de reafirmação das identidades e de reativação da centralidade da consciência racional.

Dessa forma, um novo tipo de fundamentalismo vem ameaçar as conquistas decorrentes do processo de proliferação dos espaços de produção e divulgação dos saberes locais. Não obstante a persistência da defesa dos discursos que enfatizam a necessidade de interdisciplinaridade e o caráter artificial e relacional da noção de identidade, assistimos, hoje, ao recrudescimento, em nosso meio, do mais antigo corporativismo, visando-se assegurar a permanência dos valores construídos por uma determinada classe, disciplina ou corrente teórica. Infelizmente, muitas vezes somos obrigados a perceber que nossas idéias “não correspondem aos atos”, já que o discurso da inclusão e da diferença esbarra atualmente na limitação do número de participantes em eventos acadêmicos que se notabilizaram pela abertura à diversidade, como é o caso da ABRALIC, na realização de concursos que exigem mesmo dos pós-graduados na área, a graduação em Letras, na proibição de que os estudantes de pós-graduação possam votar nos Grupos de Trabalho da ANPOLL, na lamentação da perda do espaço dos especialistas para os amadores no terreno da crítica literária,⁶ etc.

⁶ Cite-se a afirmação recolhida da fala de Alcir Pécora por Cecília Giannetti, em análise sobre a crítica literária: “Estamos na iminência da extinção do leitor, porque hoje todo mundo escreve. É um desequilíbrio absurdo. Escrevam menos, leiam mais. Escrevam e morram.” Cf GIANNETTI, Cecília. Escritor bom é escritor morto. Disponível em <http://www.portalliterar.com.br/imprime_artigo/escritor-bom-e-escritor-morto>. Acesso em 30/06/2008.

A esse corporativismo, talvez devêssemos, menos do que contrapor uma nova ordem, uma organicidade que nos confortasse diante da desorientação reinante no âmbito da cultura em tempos pós-modernos, recorrer ao caráter monstruoso e demoníaco das práticas que buscam não a mera visibilidade, mas a transformação do que é da ordem do privado em público. Recuperar o sentido demoníaco da democracia, como sugere Bruno Latour, na introdução ao livro *Make things public*,⁷ significa transformar a nossa atuação intelectual numa espécie de política teratológica, que impõe não a identidade, mas a divisão dos corpos. Segundo o autor, se o *demon* representa simultaneamente um perigo e uma solução é porque ele divide em dois. E justamente por isso, pelo fato de nos dividirmos, é que precisamos nos reunir em assembleias: “o povo, o demos, é formado por aqueles que dividem o mesmo espaço e são divididos pelas mesmas contraditórias preocupações.”⁸ A questão que se coloca, então, é como edificar novas assembleias que recusem a noção iluminista de transparência e visibilidade, e que consigam gerar um novo modo de representação e de formação de coletivos. Evidentemente, o autor não nos oferece uma resposta precisa a essa questão, mas nos lembra que “se nenhum domo transparente nos fornece uma visibilidade global, se a escuridão conduz à escuridão, então qualquer pequena, mesmo infinitesimal inovação nas práticas de representação de um

⁷ Latour, Bruno. From Realpolitik to Dingpolitik or How to make things public. In: *Making things public: Atmospheres of democracy*. Cambridge, Massachusetts. : MIT Press ; Karlsruhe, Germany: ZKM/Center for Art and Media in Karlsruhe, 2005, p.4-31.

⁸ Idem, p. 14: “(...) the *people*, the *demos*, are made up of those who share the same space and are divided by the same contradictory worries.” A tradução das citações em língua estrangeira é de minha responsabilidade.

problema resultará numa pequena, mas imensa diferença.”⁹ Trata-se, pois, de criar um espaço de coabitação de singularidades, com vistas à construção de um sentido comum.¹⁰

A partir das considerações aqui apresentadas, busco, agora, promover uma breve análise das práticas observadas nos Grupos de Trabalho da ANPOLL, enfatizando o processo de reorganização que, há vários Encontros, vimos discutindo. Da forma como o entendo, tal processo visa justamente à produção desse sentido comum. Em várias de nossas reuniões, foi destacada a insatisfação com o tipo de visibilidade gerado pelos Encontros dos GT's, que haviam se transformado em mais uma oportunidade de simples apresentação de *papers* resultantes de pesquisas individuais dos seus participantes. A falta de debates, a ausência de um eixo temático que unificasse os interesses individuais em torno de um projeto coletivo e a pouca ressonância da publicação dos trabalhos apresentados, vinham sendo consensualmente condenadas, mas, ao mesmo tempo, várias dificuldades para a transformação desse quadro se mostravam perceptíveis. Dentre elas, destaco o tamanho exagerado dos GT's, a oscilação no nível de participação dos membros dos grupos, a

⁹ Idem, p. 21: “(...) if no transparent dome gives any global visibility, if, at best, the blind lead the blind, then any small, even infinitesimal innovation in the practical ways of representing an issue will make a small - that is, huge, difference.”

¹⁰ Ressalte-se o que se entende, neste contexto, pela noção de comum: “A palavra *comunidade* frequentemente é usada para se referir a uma unidade moral que se posiciona acima da população e de suas interações, como um poder soberano. O comum não se refere a noções tradicionais da comunidade ou do público; baseia-se na *comunicação* entre singularidades e se manifesta através dos processos sociais colaborativos da produção. Enquanto o individual se dissolve na unidade da comunidade, as singularidades não se vêem tolhidas, expressando-se livremente no comum.” HARDT, Michael, NEGRI, Antonio. *Mul tidão*. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2005 p. 265-266.

diversidade dos critérios de organização, com a existência de GTs temáticos, disciplinares, focados em linhas de pesquisas, com sub-GTs, etc, e a ausência de recursos para financiamento das atividades dos grupos. No Encontro de 2006, foram discutidas pelos coordenadores dos grupos de trabalho algumas proposições de regulamentação das atividades dos GTs e, em 2007, no Encontro Intermediário, esse documento foi ligeiramente alterado para ser levado à Assembléia no evento que ora estamos realizando.

Em mesa da qual participei no Encontro de 2007, foquei minha atenção na necessidade de se garantir alguma liberdade para a auto-organização dos GTs, lembrando a necessidade de se respeitar o ritmo e as peculiaridades de cada um deles. Ressaltava a necessidade de o nosso trabalho ser pautado por uma ética da amizade, na qual a crítica deveria ser compreendida não como um gesto antagonista, mas como uma prova de respeito pelo trabalho do colega e até mesmo como uma prática capaz de contribuir para o processo de autoconhecimento. Remontando à noção de auto-estilização da existência, formulada por Michel Foucault nos últimos anos de sua vida, reivindicava para o desenvolvimento de nossos trabalhos uma concepção de crítica baseada na possibilidade de tudo dizer, com franqueza, mas sem hostilidade, recuperando-se para essa atividade o valor da experiência dialógica, fundamental para a constituição de subjetividades que, ao se desdobrarem no cuidado com o outro, acabam cuidando de sua própria formação. Por considerar que uma nova concepção de tempo se fazia necessária para compreender a lentidão dos processos de reformulação de práticas há muito institucionalizadas, defendi, na ocasião, uma convivência entre várias possibilidades de articulação dos grupos de trabalho, desde que o objetivo a ser perseguido fosse a construção de um

espaço efetivamente coletivo de produção e divulgação de conhecimentos.

Ao enfatizar as práticas dialógicas no desenvolvimento de nossas atividades associativas, tinha em mente o desejo de fugir à rotinização e à ritualização dos encontros acadêmicos que, em grande medida, não contribuem substancialmente para o fortalecimento dos laços sociais. Para que isso seja possível, requer-se, como lembra Gabriel Tarde em sua genealogia da conversação, que se transforme os lugares onde ocorre o processo de comunicação em “verdadeiras fábricas do poder”.¹¹

Se recupero aqui o teor de minha comunicação de 2007, isso se deve ao fato de que muito me alegrei ao ver, com a pesquisa realizada nos sites dos GTs e a leitura da programação das atividades de todos eles para este evento, que grande parte das minhas expectativas apresentadas naquele momento estão sendo hoje satisfeitas. A diversidade de formas de organização das atividades dos GTs, imediatamente perceptível, longe de evidenciar uma desorientação, permite-nos comprovar a riqueza das experimentações a serem realizadas para se garantir a comunicação. Há propostas de variada natureza: alguns GTs já estão trabalhando a partir da formulação de um projeto coletivo de pesquisa, como o de Literatura Oral e Popular, o de Literatura Comparada, o de Tradução, etc.; outros optaram pela definição de um tema específico para este evento. Há aqueles que promoverão apresentações de grupos de pesquisas, até mesmo com a exposição de posters, como o de Línguas Indígenas e Psicolinguística, assim como os que preferiram organizar as mesas-redondas com definição de temas variados. No GT de Práticas Identitárias em Linguística Aplicada e no de

¹¹ TARDE, Gabriel. *A opinião e as massas*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2005, p. 121.

Linguagem, Enunciação e Trabalho, optou-se pela realização de palestras, com a indicação de bibliografia básica para leitura prévia. E cabe destacar ainda a preocupação da parte de alguns GTs de se garantir o espaço para a apresentação de réplicas e trélicas aos trabalhos apresentados, de forma a se criar efetivamente um espaço de diálogo, como ocorre com o GT de Lingüística Aplicada, o de Relações Literárias Interamericanas, o de Teoria da Narrativa e o de Literatura Comparada.

A maior parte dos GTs inclui em sua programação um momento para a discussão dos novos temas a serem pesquisados no próximo biênio, preparando-se para atender completamente ao que vem sendo proposto pela comissão eleita para a reestruturação do modo de funcionamento dos grupos de trabalho. Com isso, percebe-se um avanço em relação ao nível de conscientização acerca da necessidade de se promover uma maior interação entre os membros dos GTs, o que, além de garantir um espaço interno de sociabilidade e de socialização dos conhecimentos produzidos, repercutirá na publicação de livros e periódicos que representem efetivamente contribuições à pesquisa sobre determinado tema ou área. E aqui cabe indicar o livro *Conceitos de literatura e cultura*,¹² resultante das discussões do GT Relações Literárias Interamericanas, se não como um modelo, como um exemplo a ser seguido pelos demais grupos.

É ainda digna de nota a preocupação da parte de alguns GTs de se realizar uma reflexão histórica sobre a pesquisa e o ensino em seu campo de estudo, a exemplo do que ocorre com o GT de Tradução, o de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia e, num certo sentido, o de Literatura Comparada. Ao buscar

¹² FIGUEIREDO, Eurídice (Org.). *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: Ed. UFJF; Niterói: EDUFF, 2005.

recompor a deontologia de cada campo de saber, os grupos têm a oportunidade não apenas de enriquecer-se com o conhecimento acerca de seu próprio percurso e os fatores que o levaram a adquirir determinada fisionomia, mas também de decidir com maior consciência os rumos que deverão ser seguidos no futuro.

Como se procurou aqui mostrar, parece-me que a linha mestra que vem sendo perseguida pela ampla maioria dos GTs é a fuga à exclusão, o convívio entre as diferenças e o desejo de reunião do que se mostra dividido. A recusa à adesão irrestrita a um modelo adquire, assim, o significado de um compromisso ético com a amizade. No entanto, é justamente esse compromisso que deve nos levar a refletir sobre a necessidade de simultaneamente nos dividirmos e nos reunirmos ainda mais. Portanto, se a conversa não estiver sendo produtiva no âmbito dos GTs, se o espaço de diálogo se mostrar limitado para atender aos anseios democráticos de seus membros, à singularidade dos interesses em jogo, que surjam novos grupos, por divisão ou por simples criação, pois, a meu ver, a diversidade ainda deve ser considerada como um dos principais critérios de qualidade. E espero que a ANPOLL, a nossa Associação, saiba, pois, conviver e se enriquecer com esse "Pan-demônio" gerado pela babélica multiplicidade de dialetos gestados a partir dos nossos múltiplos interesses.

Para concluir, gostaria apenas de fazer uma observação acerca do ainda restrito aproveitamento do recurso da internet para se promover, se não a visibilidade, a publicização dos saberes construídos no âmbito de cada grupo de trabalho. É certo que as dificuldades que nós, professores e pesquisadores da área de Letras, Artes e Ciências Humanas, encontramos para lidar com as ferramentas da informática são muitas. Em uma pesquisa realizada para a produção desta apresentação, percebi

que praticamente a metade dos grupos ou ainda não possui uma página na internet, ou elas se mostram extremamente desatualizadas. Creio ser necessário compreender que, se as tecnologias de informação e comunicação não garantem por si só a emancipação humana, elas constituem, ainda, um instrumento fundamental de democratização do acesso à produção científica e cultural. E a convivência salutar entre suportes diferenciados, longe de significar um desprestígio da cultura letrada pode, certamente, contribuir para torná-la cada vez mais comum.